

Notícias e conhecimento

Teun A. van Dijk

Tradução de Luciano Bottini,

Heloiza Herzcovitz e Eduardo Meditsch

Resumo

Neste artigo analisamos o papel do conhecimento nas notícias da imprensa, sua produção e compreensão. A complexa base teórica deste estudo parte de meus trabalhos anteriores sobre a psicologia do processamento de textos, as notícias e a ideologia. A análise do conhecimento levada a cabo aqui faz parte dos primeiros esforços de uma pesquisa maior que estudará o papel da ideologia na cognição social em geral, e em relação com o conhecimento em particular. Parte deste esforço é uma tipologia elementar do conhecimento na forma como se expressa ou é pressuposto no discurso noticioso.

Palavras-chave:

Conhecimento, discurso, notícias, ideologia, cognição social

Abstract

In this paper I examine the role of knowledge in news, news production and news comprehension in the press. The complex background of this study is my earlier work on the psychology of text processing, my previous studies on news and on ideology. The analysis of knowledge undertaken here is intended as part of my first attempts to study in more detail the role of ideology in social cognition in general, and in relation to knowledge in particular. Part of this endeavor is an elementary typology of knowledge as it is expressed or presupposed by news discourse.

Keywords:

Knowledge, news, discourse, ideology, social cognition

Não há notícia sem conhecimento

Nada pode parecer tão trivial quanto a tese de que sem conhecimento não haveria notícia alguma. Se os jornalistas não conhecessem os eventos ou os atores das notícias, como poderiam escrever sobre isso nos jornais ou comentar sobre eles na televisão? Ainda assim, esta óbvia relação entre conhecimento e notícia tem sido pouco explorada de forma mais detalhada

Neste artigo, examino o papel do conhecimento nas notícias, tanto na produção noticiosa quanto na compreensão da notícia da imprensa. A base teórica deste estudo, bastante complexa, se apóia em meu trabalho anterior em psicologia do processamento textual, meus estudos prévios sobre notícias e meu recente trabalho sobre ideologia (VAN DIJK, 1987a; VAN DIJK, 1987b; VAN DIJK, 1998; VAN DIJK & KINTSCH, 1983). A análise do conhecimento feita aqui faz parte de minhas primeiras incursões no estudo mais detalhado do papel da ideologia na cognição social em geral, e na relação com o conhecimento em particular. Parte deste esforço inclui uma tipologia elementar do conhecimento na forma como se expressa no e é pressuposto pelo discurso da notícia.

O estudo do conhecimento nas notícias é vital para o entendimento de muitos aspectos fundamentais da produção e compreensão noticiosa. Como foi sugerido acima, os jornalistas dificilmente podem produzir notícias sem algum tipo de conhecimento “do mundo”, e especialmente de *novo* conhecimento do mundo. Esta consideração bastante óbvia, no entanto levanta muitas questões complexas, tais como:

- Para entender novos eventos “no mun-

“O estudo do conhecimento nas notícias é vital para o entendimento de muitos aspectos fundamentais da produção e compreensão noticiosa.”

do” os jornalistas precisam ter conhecimento prévio do mundo. Qual a natureza desse conhecimento, e como ele é adquirido e representado mentalmente?

- Os jornalistas usualmente sabem muito mais dos eventos noticiosos e dos agentes noticiosos do que aquilo que escrevem no papel. Como eles selecionam qual conhecimento incluir, e qual conhecimento excluir daquilo que reportam nas notícias?

- Como o conhecimento que os jornalistas têm sobre os eventos noticiosos se reflete nas várias estruturas (manchetes, tópicos, esquemas noticiosos, significados, pressuposições, implicações, ordenamentos etc.) das notícias?

Essas são apenas algumas perguntas básicas entre outras tantas. Questões semelhantes podem ser feitas para os leitores de jornais: o que precisam saber para compreender as notícias? Como e quanto eles compreendem e como a estrutura da notícia contribui para o seu conhecimento sobre o mundo?

Infelizmente, mesmo os estudos contemporâneos sobre as notícias, que são mais sociológicos do que cognitivos, raramente se ocupam em profundidade de tais questões (TUCHMAN, 1979; BELL, 1991; BELL & GARRETT, 1997). Alguns outros estudos tratam de fato da psicologia do processamento da notícia, mas não vão além do que está sendo produzido na psicologia a respeito do conhecimento (GRABER, 1984).

Uma resposta mais aprofundada para estas questões envolveria grande parte dos estudos da contemporânea psicologia cognitiva do processamento textual, mas nossa meta será muito mais modesta, e

somente destacará alguns aspectos principais da interface conhecimento-notícia.

Um exemplo

Antes de examinarmos a natureza do conhecimento, consideremos o texto seguinte: (*El País*, 5 de fevereiro de 2001):

64 mulheres foram assassinadas por seus companheiros no ano passado na Espanha

EP, Madri

Um total de 64 mulheres foram assassinadas no ano passado na Espanha por seus companheiros ou ex-companheiros, segundo balanço realizado pelo Ministério do Interior. Esta cifra indica que ocorreram mais duas vítimas fatais em 2000 do que as contabilizadas em 1999.

No ano passado, 44 homens foram mortos por algum membro de suas famílias, sendo que sete foram assassinados por suas companheiras ou ex-companheiras.

Entre as regiões do país, Andaluzia e Madri são as que mais registraram mulheres assassinadas no ano passado. A Andaluzia registrou 14 mulheres mortas pela família, oito das quais pelas mãos de seus cônjuges ou ex-cônjuges. Em Madri, morreram 13 mulheres, onze das quais pelas mãos de seus cônjuges

Quanto aos homens, a Andaluzia e a Catalunha são as comunidades com mais vítimas fatais no ambiente doméstico, com 11 e sete mortos, respectivamente. No entanto, as regiões onde mais homens morreram no ano passado pela ação de companheiras e ex-companheiras foram a Catalunha, as Astúrias e a Extremadura, com dois casos em cada região.

“Uma resposta mais aprofundada para estas questões envolveria grande parte dos estudos da contemporânea psicologia cognitiva do processamento textual”

Denúncias

As denúncias sobre violência doméstica indicam uma tendência em alta. No ano passado, houve 30.202 denúncias de maus tratos a mulheres no ambiente familiar, das quais 75%, isto é 22.385 casos, referiam-se a agressões produzidas por cônjuges ou ex-cônjuges. O número de denúncias de agressões a mulheres cresceu 2,7% em relação a 1999, quando se registraram 21.778 casos. Em 2000, os homens apresentaram 9.402 denúncias por maus tratos, das quais pouco mais de um terço, 3.247, estavam relacionadas a agressões de suas cônjuges.

Por regiões, Andaluzia, Madri e Catalunha foram as que registraram maior número de denúncias de maus tratos contra mulheres e homens no ano passado. Concretamente, 6.612 mulheres e 2.177 homens na Andaluzia; em Madri, 5.122 mulheres e 1.398 homens; e na Catalunha, 2.424 mulheres e 1.021 homens. Já o País Basco é de longe a região com menor número de denúncias registradas: 17 mulheres e três homens maltratados.

Janeiro e Junho foram os meses com maior número de mulheres assassinadas, nove e dez respectivamente, enquanto em Fevereiro e Maio houve apenas três e dois, respectivamente. O período de Maio a Agosto registrou o maior número de denúncias de mulheres, chegando a quase três mil a cada mês, sendo que em todos os meses do ano as denúncias superaram as 2000. Em relação aos homens, as denúncias foram mais frequentes no mesmo período, sendo 834 em Maio e 967 em Agosto; nos outros meses rondaram as 700.

Para compreender ao menos o primeiro parágrafo desta matéria, o leitor precisa

- As mulheres podem ser assassinadas;
- Algumas mulheres têm (ex)companheiros;
- Os companheiros são normalmente homens;
- Os homens algumas vezes matam suas companheiras;
- Os Ministérios do Interior mantêm estatísticas de assassinatos;
- O ano passado é um período de tempo;
- A Espanha é um país;
- A Espanha é o país onde vivemos;
- Vítimas fatais são o resultado de assassinatos;
- 1999 e 2000 são designações de anos etc.

Ao longo deste artigo, vamos examinar com mais detalhe que tipos de conhecimento os jornalistas e leitores têm, e como tal conhecimento é expresso ou pressuposto pelo discurso (noticioso). Uma porção de conhecimento novo, não pressuposto, mas colocado no texto, é que 64 mulheres foram assassinadas por seus (ex)companheiros no último ano na Espanha. Essa é a proposição que forma a manchete e a primeira sentença, temática, do relato noticioso. Logo, a notícia é uma complexa interação entre conhecimento conhecido e desconhecido, e será nossa tarefa examinar essa e outras distinções em mais detalhes. Devemos fazer isso concentrando-nos em especial no papel do conhecimento no processamento cognitivo do discurso. Mas antes vamos a um pouco de teoria.

Conhecimento e discurso

Pelo menos desde a tese de doutorado de Eugene Charniak em 1972, sabemos que as pessoas precisam de um grande volume

“Logo, a notícia é uma complexa interação entre conhecimento conhecido e desconhecido, e será nossa tarefa examinar essa e outras distinções em mais detalhes.”

de conhecimento com o objetivo de produzir ou compreender até mesmo a mais simples história infantil (CHARNIAK, 1972). No mesmo caminho, alguns anos depois, ainda na década de 1970, pesquisadores da Inteligência Artificial e psicólogos produziram as primeiras idéias sobre formatos de representação do conhecimento em termos, por exemplo, de *scripts* ou estruturas esquemáticas semelhantes (SCHANK; ABELSON, 1976).

Ao mesmo tempo, a teoria dos modelos mentais (representações mentais de eventos, veja abaixo) ensinou-nos como o conhecimento de um evento específico usado para processar discurso pode ser derivado de, assim como generalizado para, conhecimento geral, proporcionando, portanto, uma ponte teórica firme entre conhecimento e discurso, e um *insight* sobre pelo menos um aspecto do problema clássico de “aprender do texto” (JOHNSON-LAIRD, 1983; VAN DIJK & KINTSCH, 1983; VAN OOSTENDORP & GOLDMAN, 1999).

Portanto, podemos ler uma matéria de jornal sobre um caso específico de violência doméstica, e nossa compreensão de tal história forma um modelo daquele evento. Lendo com mais frequência sobre tais eventos no jornal, construímos outros modelos de eventos, e após algum tempo podemos inferir um conhecimento mais geral sobre violência doméstica pela generalização e abstração a partir desses modelos específicos. O contrário também ocorre: uma vez que já temos certo conhecimento geral sobre o tema, usamos isso para construir modelos mentais sobre casos mais específicos de violência doméstica. Isso permite

que os jornalistas formulem apenas as informações que os leitores ainda não têm, de modo que as notícias (como em geral os discursos) sejam incompletas em muitos aspectos simplesmente porque os leitores conseguem preencher os detalhes necessários com ajuda de seu conhecimento geral. Em outras palavras, podemos precisar de modelos mentais específicos para construir conhecimento geral, da mesma forma que precisamos do conhecimento geral para construir modelos mentais específicos.

Não sabemos, entretanto, quanto conhecimento geral é preciso inferir, “ativar” ou “aplicar” na construção de modelos, se basta um mínimo ou se algo é mais relevante para entender um discurso em profundidade. Este é um debate muito importante na psicologia do processamento de texto contemporânea (BRITTON & GRAESSER, 1996; GRAESSER & BOWER, 1990).

A maior parte deste trabalho na área de Inteligência Artificial, na Psicologia e na Linguística, não tem feito muitas perguntas sobre a natureza mesmo do conhecimento. Na Psicologia Cognitiva, por exemplo, raramente se encontra uma referência aos estudos da Teoria do Conhecimento realizados na Epistemologia. Com frequência, psicólogos usam a noção de “crença” (“*belief*”), mas dificilmente são levados a responder à questão perene, pelo menos desde Platão, sobre a diferença entre “conhecimento” e “crença” (ver, por exemplo, HINTIKKA, 1962; POJMAN, 1999; WILKES, 1997; GRECO & SOSA, 1999). Mesmo na Linguística e na Análise do Discurso, são raros os relatos detalhados sobre o papel do conhecimen-

“Em outras palavras, podemos precisar de modelos mentais específicos para construir conhecimento geral, da mesma forma que precisamos do conhecimento geral para construir modelos mentais específicos.”

to (porém veja o estudo original de Paul Werth, 1999).

Da mesma forma, o “conhecimento do mundo” considerado nos trabalhos de processamento de texto é visto como socialmente compartilhado e, portanto, de certa maneira caracteriza melhor os grupos ou comunidades do que os indivíduos. E, apesar disso, raramente encontramos referências a estudos sobre conhecimento na Psicologia Social (BARTAL & KRUGLANSKI, 1988; FRASER & GASKELL, 1990), na Sociologia (CAMPBELL & MANICOM, 1995; CHOO, 1998; KNORR-CETINA, 1999; MANNHEIM, 1952) e na Antropologia (BATESON, 1972; FARDON, 1995; GEERTZ, 1983; SHORE, 1996). Mesmo dentro da Psicologia Social, que seria a disciplina mais óbvia para o estudo do conhecimento, é difícil encontrar estudos sistemáticos sobre a natureza das notícias, preteridos por estudos sobre “atitude”, por exemplo.

O reverso também é verdadeiro. Na Filosofia, Sociologia e Antropologia do Conhecimento, raramente se encontra referências, se há alguma, às pesquisas sobre o conhecimento na Psicologia do Processamento de Texto. Podemos concordar todos com o fato de que a maior parte do aprendizado é feita através do processamento de discurso, mas muitos aspectos do processo de aquisição de conhecimentos são ainda desconhecidos. O trabalho sobre conhecimento e discurso de Foucault (1972) é citado por muitos nas Ciências Sociais e na Área de Humanas, mas é tão ignorado na Psicologia do Discurso quanto o próprio Foucault ignorou o estudo psicológico do conhecimento.

Na Inteligência Artificial, muita pesquisa tem sido realizada sobre os formatos de representação do conhecimento (MARKMAN, 1999), mas se compararmos o que é conhecido hoje e o que era conhecido há 20 anos, uma das conclusões é de que progredimos muito pouco. Temos visto um vasto interesse e muitos recursos empregados em ciências cognitivas e neu-rociências, mas por enquanto não sabemos quase nada sobre como o conhecimento se relaciona com as estruturas neurobiológicas do cérebro.

Obviamente, o conhecimento se relaciona com várias crenças, como opiniões, atitudes e ideologias, entre outras (VAN DIJK, 1998). O processamento do discurso também envolve estas outras crenças, seja num breve passar de olhos sobre o jornal, no acompanhamento de uma sessão parlamentar ou na audiência de um comício político.

Num jornal não apenas encontramos notícias sobre violência doméstica, mas também editoriais, cartas ao editor e artigos opinativos nos quais o tema é condenado, assim como a política de combate à violência doméstica é negativamente avaliada.

Mas apesar dos milhares de estudos sobre o conhecimento e outras crenças, uma análise detalhada da relação entre eles continua em pauta. Ou pior: ela ainda não está na agenda. Há inúmeras questões sobre o conhecimento que não são feitas na Psicologia do Processamento do Discurso ou em qualquer outra área para resolver isso. Temos, por exemplo, uma idéia aproximada de quanto conhecimento tem um membro medianamente competente de uma comunidade epistêmica? Cem mil

“A maior parte do aprendizado é feita através do processamento de discurso, mas muitos aspectos do processo de aquisição de conhecimentos são ainda desconhecidos.”

ítens (proposições, etc)? Um milhão? Dez milhões?

Em suma, o que necessitamos é de uma teoria do conhecimento ampla e multidisciplinar, e baseada nela uma sofisticada teoria sobre o papel do conhecimento na produção e compreensão do discurso. Esta teoria deveria definir muito claramente o conceito de conhecimento e especificar suas relações com outras crenças socialmente compartilhadas.

Um dos produtos desta teoria, como em qualquer disciplina incipiente, deveria ser uma tipologia adequada das formas de conhecimento. Em segundo lugar, ela deveria obviamente detalhar as estruturas das representações mentais do conhecimento e de outras crenças, e as maneiras pelas quais tais estruturas de crenças são empregadas nas várias formas de processamento, especialmente no uso da linguagem discursiva, interação e comunicação. Em terceiro lugar, esta teoria deveria explicar como os vários tipos de conhecimento são adquiridos, relacionados com os tipos de conhecimento existentes e integrados dentro do sistema do conhecimento. Por fim, esta teoria deveria explicar também quais são as condições sociais, culturais e políticas, as estruturas e os processos envolvidos na reprodução do conhecimento em grupos e culturas, de tal forma que este conhecimento possa ter um papel no processamento do discurso de todos os membros do grupo.

De toda esta vasta teoria, tratarei aqui brevemente de apenas alguns aspectos, que têm sido negligenciados, sobre o papel do conhecimento nas teorias do processamento do discurso, para então aplicá-los no estudo das notícias.

Tipos de Conhecimento

Tanto na linguística como na psicologia do discurso, é geralmente feita uma referência um tanto vaga ao “conhecimento do mundo” (*“world knowledge”*). Para estabelecer a coerência global e local, produzir ou compreender tópicos gerais ou macroestruturas, montar inferências “de ligação”, ou construir modelos mentais, é dito que leitores de notícias e usuários da língua em geral têm e aplicam alguma forma de “conhecimento do mundo” (para detalhes, ver VAN DIJK & KINTSCH, 1983 e os trabalhos em VAN DIJK, 1997). O problema é que tal “conhecimento do mundo” pode ser de muitos tipos diferentes, e eles não se aplicam ao processamento do discurso da mesma maneira. Vamos, portanto, começar fazendo algumas observações sobre os modos com que a vasta quantidade de conhecimento usado no processamento do discurso pode ser categorizada em diferentes tipos.

Na psicolinguística, há referências à noção de “base compartilhada” (*“common ground”*), isto é, o conhecimento ou outras crenças que os participantes de um diálogo precisam ter em comum para compreender um ao outro. (CLARK, 1996). Note-se, porém, que mesmo essa “base compartilhada” pode ser de diferentes espécies, variando do conhecimento sobre experiências compartilhadas, objetos contextualmente presentes até propriedades socialmente conhecidas do “mundo” natural e social. Além disso, grupos específicos, tais como acadêmicos ou outros especialistas, podem ter conhecimento que compartilham com membros do seu grupo, mas que fora desse grupo é desconhecido ou só parcialmente

“O problema é que tal ‘conhecimento do mundo’ pode ser de muitos tipos diferentes, e eles não se aplicam ao processamento do discurso da mesma maneira.”

conhecido.

Igualmente, podemos ter conhecimento sobre eventos específicos ou sobre as propriedades gerais que caracterizam um tipo de evento (por exemplo acidentes de carros ou inflação), sobre eventos historicamente proeminentes e complexos como o holocausto, por um lado, e conhecimento social e político, mais abstrato, sobre ge-nocídio, por outro.

Em nosso texto de exemplo, lemos sobre um fato específico, nomeadamente o assassinato de 64 mulheres em 2001 na Espanha, incluindo comparações com o número de homens assassinados e as variações pelas regiões do país. Ao mesmo tempo, tais fatos (estatísticos) generalizados permitem inferir sobre o problema geral da violência doméstica.

Mesmo essas breves observações informais já parecem sugerir o seguinte critério tipológico para uma categorização do conhecimento:

- A - Conhecimento pessoal x social
- B - Conhecimento social/grupal x cultural
- C - Conhecimento sobre eventos específicos x sobre propriedades gerais dos eventos
- D - Conhecimento sobre eventos históricos x sobre estruturas sócio-políticas.

A distribuição do conhecimento

Vamos tentar tornar essa tipologia um pouco mais explícita. Os critérios tipológicos A e B são baseados nas pessoas que têm ou compartilham conhecimento, enquanto os mencionados em C e D nos dizem algo sobre os objetos do conhecimento. O critério A meramente indica se o conhecimento é compartilhado ou

não com os outros, no sentido de que o conhecimento pessoal por definição é privado, e portanto não acessível aos outros a menos que a pessoa o comunique a eles. No critério **B**, ambas as formas de conhecimento são compartilhadas, mas a distribuição é diferente.

Isto implica que o *conhecimento pessoal* assim é até ser expresso em um discurso (ou outros tipos de comunicação e interação que permitam aos receptores atribuir um conhecimento específico a alguém), e que esse conhecimento pessoal precisa ser expresso em asserções, e nunca é pressuposto.

O *conhecimento social/grupal*, por outro lado, é tipicamente pressuposto no discurso, embora tal conhecimento possa apenas ser pressuposto no discurso interno ao grupo, e não externamente.

Já o *conhecimento cultural*, por seu turno, pode então ser definido como todo o conhecimento que pode ser pressuposto em todas as formas de discurso público. Vamos chamá-lo de “conhecimento de base compartilhada” (“*common ground knowledge*”), ou simplesmente “conhecimento comum” (CC).

Em outras palavras, a tipologia proposta não tem apenas implicações sociais no sentido de caracterizar a natureza da distribuição do conhecimento, mas também tem relação com algumas propriedades semânticas e pragmáticas do discurso, tais como a natureza de implicações e pressuposições. Em outras palavras, começamos a observar aqui as primeiras manifestações da interface discurso-conhecimento.

Portanto, em nosso exemplo, muito do conhecimento pressuposto é geral, cultural. Todos

“Já o conhecimento cultural, por seu turno, pode então ser definido como todo o conhecimento que pode ser pressuposto em todas as formas de discurso público.”

os leitores competentes sabem o que significam mulheres, violência doméstica, assassinato, polícia, etc. Algum conhecimento pode estar limitado especialmente ao país (Espanha), tal como os nomes das várias regiões. Num determinado sentido, as estatísticas da violência doméstica são especializadas, portanto conhecimento de grupo, mas por meio da publicação na imprensa se tornam largamente compartilhadas, e conseguem tomar um aspecto mais cultural. Se pensarmos nos leitores desse artigo, podemos admitir não apenas que mais mulheres estarão interessadas no assunto, mas também que geralmente saberão mais sobre ele do que os homens. Feministas podem ser especialistas na questão da violência doméstica, trazendo uma outra perspectiva. Neste artigo não há expressões de conhecimento pessoal, como é comum no caso de reportagens sobre eventos concretos de violência doméstica, por exemplo, quando os vizinhos escutam o choro da mulher.

Devemos analisar mais profundamente o critério **A** distinguindo entre conhecimento *pessoal* e *interpessoal*. Conhecimento pessoal foi definido acima; conhecimento interpessoal não é simplesmente conhecimento “social”, como especificado mais a frente em **B**, mas conhecimento dividido apenas entre algumas poucas pessoas e tipicamente em formas de discurso interpessoal, como conversas. E, uma vez sendo compartilhado, ele pode ser pressuposto (sob algumas condições especiais, como disponibilidade) ou lembrado em discurso entre as mesmas pessoas. Ou seja, asserções diretas de conhecimento pessoal ou interpessoal constituem atos de fala inapropriados.

Com certeza, no mundo real, interlocu-

tores geralmente repetem asserções do “mesmo” conhecimento, mas irão também, de algum modo, sinalizar que eles sabem que os receptores já compartilham esse conhecimento, para que a asserção tome a forma de um lembrete. Ou podem não sinalizá-lo e ficar sujeitos a reações do receptor do tipo “Sim, eu sei”, que podem funcionar como um desafio à adequação da asserção.

O conhecimento de grupo pode ser adquirido em instâncias repetitivas de comunicação interpessoal, especialmente em grupos pequenos em que a maioria dos membros interage face-a-face. Sob diferentes condições, essa é também a forma de aquisição interpessoal de conhecimento de grupo na família, entre amigos ou em situações profissionais como, por exemplo, entre jornalistas de um jornal ou enfermeiras de um hospital. Em muitas situações, no entanto, a aquisição e a distribuição do conhecimento grupal são mais ou menos públicas, e acontecem em encontros, universidades, igrejas, manifestações políticas, ou por meio de publicações. Desta forma, o conhecimento se expressa para - e é adquirido por - um grupo mais ou menos extenso de receptores, como profissionais, membros de uma igreja ou partido político, ou estudantes de um ramo acadêmico específico. Note-se que entre interlocutores de diferentes grupos, tal conhecimento grupal não é tipicamente pressuposto, ou o é apenas parcialmente.

Conhecimento cultural, ou base compartilhada, é compartilhado pela maioria ou por todos os membros aptos de uma cultu-

“Esse conhecimento cultural compartilhado é base de toda a cognição social. Qualquer conhecimento de grupo ou pessoal em última instância tem raízes nesse conhecimento comum, mesmo o conhecimento do perito altamente especializado.”

ra inteira, exceto crianças ou estrangeiros que ainda precisam adquirir tal conhecimento. Este tipo de conhecimento é tão difundido e já faz parte do que é geralmente chamado de ‘senso comum’, de forma que é geralmente pressuposto ou lembrado no discurso público. Os membros de uma cultura adquirem esse conhecimento inicialmente por meio de discursos socializantes no lar ou na escola, e mais tarde em maior escala pela mídia.

Devemos assumir que esse conhecimento cultural compartilhado é base de toda a cognição social. Qualquer conhecimento de grupo ou pessoal em última instância tem raízes nesse conhecimento comum, mesmo o conhecimento do perito altamente especializado. Precisamos de teorias detalhadas sobre a produção e a distribuição social do conhecimento para compreender os mecanismos precisos desse processo de aprendizagem social. Abaixo, vamos retornar às propriedades cognitivas dessas formas de conhecimento social e suas funções no discurso.

Conhecimento sobre o quê?

O outro critério que utilizamos para esta tipologia do conhecimento foi a “natureza” dos objetos sobre os quais as pessoas, os grupos e as culturas têm conhecimento. Talvez trivialmente, os indivíduos tendem a possuir conhecimento pessoal sobre eventos e ações autobiográficos, tais como a miríade de episódios que definem suas vidas privadas cotidianas, e conhecimento interpessoal dos eventos em que interagem com os outros. Tais eventos são definidos por parâmetros específicos de tempo, lugar,

ocorrências e participantes, e são, portanto, de uma certa maneira, únicos.

Se uma só pessoa participa ou testemunha tais eventos, isso tipicamente dá origem a conhecimento pessoal, como no caso de muitos eventos da vida diária, desde o momento em que nos levantamos, pela manhã, até irmos dormir à noite. Quando tais eventos são interessantes por alguma razão (pessoal ou social), transformam-se em objetos de narração em conversas do dia a dia, ou, por outro lado, em notícias na imprensa.

Precisamente porque muitos eventos na vida diária voltam a ocorrer várias ou muitas vezes, as pessoas podem também inferir generalizações e abstrações, isto é, conhecimento menos específico como, por exemplo, minha experiência geral de fazer compras aos sábados, ou meu conhecimento geral sobre as características de minha companheira, meus filhos, familiares, amigos ou colegas de trabalho. É esta também a maneira pela qual muitas pessoas aprenderam sobre violência doméstica.

Modelos Mentais

Esse tipo de conhecimento, pessoal e interpessoal sobre eventos, é tipicamente representado em modelos mentais guardados na memória episódica. Na verdade, a memória episódica tem esta designação porque está ligada à memória específica que as pessoas possuem de eventos vividos e interpretados, e que forma o que chamamos de “suas experiências”. Modelos mentais incorporam as construções de algumas das propriedades do evento a que se referem: são únicos e pessoais, e determinam

“Modelos mentais representam como as pessoas subjetivamente constroem os eventos do mundo através de suas experiências. Muitas notícias são baseadas em tais modelos mentais.”

o conhecimento (e as opiniões) sobre uma situação específica com seus próprios parâmetros de tempo, espaço, ações/eventos e participantes. Modelos mentais representam como as pessoas subjetivamente constroem os eventos do mundo através de suas experiências.

Muitas notícias são baseadas em tais modelos mentais. Notícias geralmente tratam de eventos específicos, e interpretar tais eventos significa construir modelos mentais para eles. Em tais modelos mentais, leitores não apenas representam sua interpretação pessoal do texto e dos eventos, mas também suas opiniões, suas associações pessoais, e assim por diante. Em nosso exemplo, temos a manifestação de uma forma intermediária de conhecimento – não é um fato único, mas uma generalização estatística de vários casos: os “fatos” de um ano.

Mas já vimos que as pessoas tipicamente formam muitos modelos mentais sobre o mesmo evento ou eventos semelhantes, tais como as rotinas diárias de ir ao trabalho, fazer compras ou encontrar os amigos. Precisamos apenas generalizar e abstrair a partir dos parâmetros únicos de espaço-tempo e as propriedades únicas de um evento específico, para então formar modelos (ainda pessoais!) generalizados de tais eventos. Esses modelos generalizados são ainda pessoais, porque eu sou ainda o protagonista principal de tais modelos mentais. Eles representam conhecimento generalizado sobre a minha vida cotidiana: Como eu vou (ia) ao trabalho, faço (fazia) minhas compras ou saio (saía) de férias, com quais pessoas me relaciono, quem (também em geral) são essas pesso-

as, e quais características elas têm. Em outras palavras, a memória episódica é única e pessoal, mas não registra apenas modelos mentais de eventos singulares, mas também modelos generalizados de eventos pessoais, como também outras representações esquemáticas que incluem conhecimento e opiniões sobre as pessoas que conheço.

Conhecimento do Mundo

O próximo passo no processo de abstração e generalização nos leva dos modelos mentais pessoais de eventos específicos ao conhecimento geral socialmente compartilhado e outras crenças. Se modelos de ações e eventos são generalizados de tal forma que não apenas o tempo e o lugar, ou algumas características da ação, mas também os participantes foram abstraídos (mas crucialmente o *Self*), então os modelos podem tomar a forma de *scripts* socialmente compartilhados ou outro esquema de conhecimento como, por exemplo, sobre tipos de objetos, animais, pessoas, grupos ou estruturas sociais. Juntos, tais tipos de conhecimento são tradicionalmente chamados de “conhecimento do mundo”.

A despeito da vasta quantidade de estudos em muitas disciplinas, esse “conhecimento do mundo” é ainda um campo confuso. Não há certezas sobre virtualmente nada. Trabalhos psicológicos, assim como a intuição, sugerem que o grande corpo de conhecimento que possuímos é organizado, e provavelmente forma uma grande rede baseada nos neurônios, da qual algumas das ligações são usadas e requisitadas mais freqüentemente do que outras e, em consequência, tornam-se mais acessíveis. Supomos que o conhecimento é organizado

“O próximo passo no processo de abstração e generalização nos leva dos modelos mentais pessoais de eventos específicos ao conhecimento geral socialmente compartilhado e outras crenças.”

em esquemas como pacotes, tais como os *scripts* que organizam o conhecimento sobre convenções sociais, como o de como fazer compras ou comer em restaurantes. O mesmo pode ser verdade para estruturas de objetos, animais e pessoas.

Mas com exceção de algumas outras especulações sobre as estruturas de tais *scripts* ou outros esquemas de conhecimento, isto é tudo o que sabemos a respeito. Mesmo que as convenções sociais sejam representadas mentalmente em esquemas como *scripts*, ignoramos o que acontece num nível mais alto. A mente agrupa as convenções sociais? Agrupa os esquemas sobre todos os animais ou sobre pessoas? É mais fácil ir, através das fronteiras das espécies, do conhecimento sobre cabeças de pessoas para cabeças de animais, do que ir das cabeças aos pés dos humanos? Como se relacionam e se agrupam esses milhões de esquemas mentais? Como os acessamos e os ativamos? Como os desativamos?

Estas e muitas outras questões precisam de respostas se queremos descrever e explicar esta extraordinária façanha de como mentes/cérebros encontram informação específica entre milhões de itens do conhecimento em poucos milésimos de segundos.

Ao lermos nos jornais sobre um terrível terremoto na Índia (como em janeiro de 2001), imediatamente acessamos uma quantidade enorme de conhecimento relevante, sobre muito do qual nunca tivemos aprendizado explícito.

A explicação tradicional para isso é que, ao ler os jornais e assistir televisão, gradualmente adquirimos um *script* sobre terremotos, e é ele que organiza e geren-

cia o acesso a todas as informações. Mas é difícil aceitar que *scripts* de conceitos correntes (e abstratos) possam controlar o vasto e inesperado agrupamento de itens de conhecimento que as pessoas sabem sobre isso quando lêem sobre terremotos e eventos similares.

É específica do *script* do terremoto a informação de que se pode morrer sob as ruínas de uma casa, ou é uma representação mais geral de conhecimento, que pode ser inferida de um *script* sobre possíveis causas de morte? Devemos supor que vastas quantidades de conhecimento mais geral (como, por exemplo, sobre a morte) são replicadas num grande número de *scripts* no qual elas são relevantes, dos acidentes de carro aos terremotos?

Ou será que tais itens de conhecimento geral armazenados e organizados separadamente (por exemplo “causa da morte” em algum tipo de conjunto) e retomados somente quando necessitados em roteiros mais específicos? E se tivermos mesmo *scripts* de terremotos, como tais roteiros são relacionados a uma categoria de um nível mais elevado, tal como “desastres naturais”, que controlaria também os *scripts* sobre vulcões, enchentes e muitos outros? As mortes por terremotos estão associadas na mente àquelas por acidentes de carro e ataques de tubarões? Ou associamos os terremotos a todos os outros conhecimentos que temos sobre a terra, que são relevantes para inferirmos possíveis mudanças na paisagem, ou para explicarmos o fenômeno em termos de movimento de placas geológicas? Ou com todo o conhecimento que temos sobre casas?

Se temos milhões de itens de conhecimen-

“Queremos descrever e explicar esta extraordinária façanha de como mentes/cérebros encontram informação específica entre milhões de itens do conhecimento em poucos milésimos de segundos.”

to (desde as categorias gerais aos *scripts* para proposições individuais ou outros itens de conhecimento básico) e eles estão todos conectados de forma relevante entre si, então a rede resultante precisaria de tantas ligações que mesmo os trilhões de conexões de neurônios em nosso cérebro não estariam preparados para “representá-los”. Isso sem falar na tarefa cognitiva que consiste em gerenciar essa quantidade enorme de conhecimento, quais rotas acessar e fortalecer, quais espaços demarcar, e quais mudanças fazer quando em algum lugar algumas alterações são feitas dentro da grande rede.

Penso que simplesmente não podemos ainda começar a imaginar a complexidade da tarefa de um levantamento para uma teoria cognitiva do conhecimento – sem mencionar suas dimensões neurobiológicas, linguísticas e socioculturais. As teorias em vigor de *scripts* e esquemas são apenas pequenos passos para colocar ordem nessa rede gigante, e sobre como utilizá-la nas várias tarefas em nossas práticas sociais diárias, incluindo o discurso. Muito, mas muito mais pesquisa e esforços multidisciplinares, incluindo vastos projetos de investigação empírica sobre o que as pessoas realmente conhecem, serão necessários para vislumbrar o universo mental – diante do qual o universo “real”, em vários aspectos, pode ter uma estrutura simples.

Conhecimento e processamento do discurso da notícia

Que papel têm os diferentes tipos de conhecimento na produção e compreensão das notícias, e como eles se manifestam na estrutura do discurso noticioso?

Resumiremos o que sabemos e faremos algumas conjecturas sobre o que não sabemos. Para simplificar esta tarefa, enfocaremos a compreensão que os leitores têm da imprensa e não a produção dos jornalistas. Como exemplo concreto, utilizaremos mais uma vez a notícia sobre violência doméstica.

Conhecimento Comum: é necessário para entender o significado geral das palavras, sentenças e parágrafos do discurso noticioso, para estabelecer coerência local e global e, portanto, para construir uma representação textual significativa de uma matéria jornalística. A questão é quanto deste conhecimento é necessário para todas as tarefas cognitivas que devem ser realizadas. Por exemplo, obviamente não precisamos ativar tudo que sabemos sobre mulheres, homens e assassinatos, ministérios ou regiões da Espanha para compreender o texto sobre violência doméstica.

Conhecimento lingüístico: é necessário para decodificar os itens léxicos e a sintaxe do texto e para construir (seqüências de) preposições.

Conhecimento do gênero de discurso: é necessário para interpretar o texto como notícia, e algumas de suas características (manchete, etc) como elementos do gênero em questão.

Conhecimento especializado de objeto: (violência doméstica, no nosso exemplo) pode ser utilizado por grupos de leitores (trabalhadores sociais, feministas, etc) ao interpretarem o contexto da notícia, e possivelmente em responsabilizarem instituições específicas pelo problema.

Conhecimento Pessoal: pode ser uti-

“Muito, mas muito mais pesquisa e esforços multidisciplinares (...) serão necessários para vislumbrar o universo mental – diante do qual o universo ‘real’, em vários aspectos, pode ter uma estrutura simples.”

lizado pelos leitores quando relacionam a informação transmitida pela notícia com suas experiências pessoais, seja como vítimas, agressores ou como testemunhas em tais eventos.

Conhecimento Comum e Pessoal: são utilizados na formação de modelos mentais de eventos (estados ou situações) relacionados a esta notícia, como sobre o número de assassinatos por violência doméstica no ano passado.

Velhos Modelos: de eventos anteriores (baseados no noticiário de jornais) podem ser ativados e utilizados por leitores como, por exemplo, aqueles que acompanham a contagem de vítimas pela imprensa ou cada vez que uma mulher é morta por seu (ex-)companheiro.

Conhecimento social/situacional: é importante na construção dos modelos de contexto. Saber que a notícia está no jornal *El Pais*, que tipo de jornal é esse, que tem uma cobertura extensiva e crítica sobre violência doméstica, e também o conhecimento do leitor sobre si mesmo, sobre o cenário (tempo, espaço, etc.).

Aprendizado: envolve vários tipos de conhecimento geral, por exemplo sobre violência doméstica, gênero, ministérios, polícia, e o papel da mídia, que podem ser formados ou modificados diretamente pela informação (geral) do texto em questão, ou pela generalização e abstração a partir de alguns modelos de eventos que se formam com base neste texto.

A partir desta lista, temos já uma primeira impressão de quanto conhecimento está envolvido na leitura trivial de uma notícia na imprensa. Fica também claro quantos

diferentes tipos de conhecimento estão envolvidos em todos esses processos, desde conhecimento que emerge de experiências pessoais (por exemplo, de mulheres que experienciaram violência doméstica) até conhecimento social e cultural largamente compartilhado sobre mulheres, homens, e violência masculina contra as mulheres.

Há, no entanto, alguns outros aspectos desses processos que precisam ser destacados:

Variação: os processos de ativação e uso do conhecimento são pessoal e contextualmente variáveis. Algumas pessoas lêem apenas superficialmente e rápido, e ativam apenas um mínimo de conhecimento, enquanto outras lêem o texto cuidadosamente, ativam muitos conhecimentos e constroem um modelo mental muito mais detalhado. Além disso, as leituras pela mesma pessoa podem ser mais superficiais em uma situação do que em outra.

Monitoração: o gerenciamento do conhecimento no processamento do discurso é monitorado por modelos contextuais. Eles modelam as crenças dos locutores/escritores sobre o conhecimento dos receptores, tanto quanto os objetivos e outras características do contexto comunicativo. A cada etapa (palavra, frase, etc) de um texto, escritores/locutores avaliam o que a outra pessoa já sabe, e o quanto do próprio conhecimento precisa ser expresso na próxima etapa do texto.

Ordem Processual: as várias formas de conhecimento descritas acima aparecem necessariamente em todos os processos de compreensão e seu seqüenciamento.

Construção do modelo contextual: preocupações dos leitores ao ler um jornal,

“A partir desta lista, temos já uma primeira impressão de quanto conhecimento está envolvido na leitura trivial de uma notícia na imprensa. Fica também claro quantos diferentes tipos de conhecimento estão envolvidos em todos esses processos”

objetivos, etc. O conhecimento sobre o jornal, o conhecimento pessoal sobre objetivos, etc.

Reconhecimento de gênero: tentativa de identificação experimental de gênero, a partir do formato geral, localização no papel, diagramação, tipografia, colunas, etc. Conhecimento sobre gêneros do discurso (noticiosos).

Identificação do tópico e estabelecimento de coerência global: ocorre por meio de interpretação da manchete. Conhecimento de discurso/gênero sobre manchetes e suas funções; conhecimento comum sobre o conteúdo do tópico (exemplo: violência doméstica).

Interpretação das palavras e das sentenças: a construção de proposições e estruturas proposicionais. Conhecimento comum, conhecimento contextual e atualização.

Estabelecimento de coerência local: conhecimento comum sobre o que é possível no mundo, modelo mental sobre seqüência de ações, eventos, etc.

Estrutura aparente/decodificação de formas: paralelamente a essas várias fases, encontramos leituras sistemáticas de palavras, sentenças e textos completos. Conhecimento lingüístico da linguagem.

Compreensão: formação ou atualização de modelos mentais. Conhecimento comum, conhecimento registrado na memória.

Expressão/formulação: na produção de notícias, modelos de eventos (conhecimento pessoal, etc), modelos contextuais (conhecimento situacional) e representações semânticas os elementos de informação para compor os vários níveis de expressão e for-

mulação são: (I) lexicalização, (II) estruturas sintáticas, (III) expressão fonológica e gráfica/visual, e (IV) esquema geral do discurso para o ordenamento geral do texto ou da fala. A lexicalização dependerá, por exemplo, do conhecimento a respeito do esperado conhecimento léxico dos receptores (representado no modelo contextual), do conhecimento sobre o suposto conhecimento do objeto pelos receptores, e de seu presumido conhecimento contextual (em contextos formais, mais palavras formais serão empregadas), etc. Mesmo a produção de estruturas sintáticas pode depender do conhecimento do interlocutor sobre o conhecimento lingüístico do receptor tanto quanto sobre o entendimento do receptor a respeito da situação comunicacional. Em tese, qualquer estrutura do discurso pode variar em função dos constrangimentos contextuais, incluindo o conhecimento a respeito do conhecimento dos receptores sobre a situação comunicativa e o gênero. Mais importante para nossa discussão, entretanto, é a complexa sinalização do conhecimento assumido ou presumido na:

- *Hierarquia das orações e posição*: por exemplo, orações iniciais geralmente expressam conhecimento presumido;

- *Posição da sentença inicial (topicalização)*: normalmente sinaliza informação conhecida;

- *Posição inicial do texto (manchetes, sumários)*: tende a expressar informação nova e importante;

- *Posição final do texto (resumos, conclusões)*: tende a expressar (con)textualmente a informação importante;

- *Artigos definidos*: tendem a expressar informação conhecida;

“Em tese, qualquer estrutura do discurso pode variar em função dos constrangimentos contextuais, incluindo o conhecimento a respeito do conhecimento dos receptores sobre a situação comunicativa e o gênero.”

- *Entonação crescente (em perguntas)*: expressa informação desejada (desconhecida).

(Para outras estruturas de discurso que expressam ou sinalizam conhecimento, ver

van Dijk, 1997).

Comentários Finais

Vimos que, em todos os níveis de produção e compreensão da notícia, existe um dinâmico e complexo processo de controle de estruturas variáveis, que é uma função dos vários tipos de conhecimento dos participantes, incluindo o conhecimento de uns sobre o conhecimento dos outros.

Uma teoria explícita sobre o processamento da notícia precisa levar em conta este tipo de gerenciamento do conhecimento, para conseguir descrever e explicar mais adequadamente como jornalistas e leitores adaptam seus discursos ao próprio conhecimento e àquele dos outros participantes. Crucial em tal teoria é a integração de modelos contextuais que representam tais estados de conhecimento (mútuos), assim como uma teoria sofisticada sobre os vários tipos de conhecimento pessoal, interpessoal, social (grupal) e cultural envolvidos.

Sobre o autor:

Teun A. van Dijk é doutor em linguística pela Universidade de Amsterdam, onde também foi professor até 2004. Atualmente trabalha na Universitat Pompeu Fabra de Barcelona. Foi professor visitante de diversas universidades brasileiras e latino-americanas, e é autor de vários livros sobre discurso, notícias e ideologia. Suas referências completas estão em seu site pessoal www.discourse-in-society.org/teun.html

Bibliografia

- BAR-TAL, D.; KRUGLANSKI, A. W. (Eds.). **The social psychology of knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology. San Francisco: Chandler Co., 1972.
- BELL, A. **The language of news media**. Oxford: Blackwell Publishers, 1991.
- BELL, A. & GARRETT, P. (Eds.). **Approaches to media discourse**. Oxford; Malden: Blackwell, 1997.
- BRITTON, B. K. & GRAESSER, A. C. (Eds.). **Models of understanding text**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1996.
- CAMPBELL, M. L. & MANICOM, A. (Eds.). **Knowledge, experience, and ruling relations**: Studies in the social organization of knowledge. Toronto: University of Toronto Press, 1995.
- CHARNIAK, E. **Toward a model of children's story comprehension**. Massachusetts, 1972. Dissertation (Ph.D.). Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.
- CHOO, C. W. **The knowing organization**: How organizations use information to construct meaning, create knowledge, and make decisions. New York: Oxford University Press, 1998.
- CLARK, H. H. **Using Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- FARDON, R. (Ed.). **Counterworks**: Managing the diversity of knowledge. London; New York: Routledge, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **The archaeology of knowledge and the discourse on language**. New York: Harper & Row (Harper Colophon), 1972.
- FRASER, C. & GASKELL, G. (Eds.). **The social psychological study of widespread beliefs**. Oxford; New York: Oxford University Press; Clarendon Press, 1990.
- GEERTZ, C. **Local Knowledge**: Further Essays in Interpretative Anthropology. New York: Basic Books, 1983.
- GRABER, D. A. **Processing the news**. New York: Longman, 1984.
- GRAESSER, A. C. & BOWER, G. H. (Eds.). **Inferences and text comprehension**: The psychology of learning and motivation, Vol. 25. New York: Academic Press, 1990.
- GRECO, J. & SOSA, E. (Eds.). **The Blackwell guide to epistemology**. Malden, Mass.: Blackwell Publishers, 1999.
- HINTIKKA, J. **Knowledge and belief**: An introduction to the logic of the two notions. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1962.
- JOHNSON-LAIRD, P. N. **Mental models**: Towards a cognitive science of language, inference and consciousness. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KNORR-CETINA, K. **Epistemic cultures**: How the sciences make knowledge. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- MANNHEIM, K. **Essays on the sociology of knowledge**. London: Routledge & Kegan Paul, 1952.
- MARKMAN, A. B. **Knowledge representation**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1999.
- POJMAN, L. P. **The theory of knowledge**: Classical and contemporary readings. Belmont, CA: Wadsworth, 1999.
- SCHANK, R. C. & ABELSON, R. P. **Scripts, plans, goals, and understanding**: An inquiry into human knowledge structures. Hillsdale (NJ): L. Erlbaum Associates distribuído por Halsted Press Division of John Wiley and Sons, 1977.
- SHORE, B. **Culture in mind**: Cognition, culture, and the problem of meaning. New York: Oxford University Press, 1996.
- TUCHMAN, Gay. **Making news**. New York: Free Press, 1978.
- VAN DIJK, Teun A. **News as discourse**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1988a.
- _____. **News analysis**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1998b.
- _____. **Ideology**: A multidisciplinary approach. London: Sage Publications, 1998.
- _____. (Ed.). **Discourse studies**: A multidisciplinary introduction. London: Sage Publications, 1997.

VAN DIJK, Teun A. & KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

VANOOSTENDORP, H. & GOLDMAN, S. R. (Eds.). **The construction of mental representations during reading**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 1999.

WERTH, P. **Text worlds**: Representing conceptual space in discourse. Harlow: Longman, 1999.

WILKES, A. L. **Knowledge in minds**: Individual and collective processes in cognition. Hove: Psychology Press, 1997.